

ALMEIDA, Joãozinho Thomaz de. *Jeremias: homem de carne e osso*. São Paulo, Paulinas, 1997, 125p.

Proposta do autor: fazer uma *tentativa de reconstruir os fatos que levaram o profeta a agir desta ou daquela maneira, a pronunciar este ou aquele discurso* (p.6-7). O livro é de agradável leitura. Linguagem popular, simples, corrente. A abordagem do texto bíblico aparece bem conectada com o hoje de nossa história. O fio condutor de todo o livro é o subtítulo: homem de carne e osso (p.69; 74; 100; 104 etc.). O autor deixa claro sua proposta de apresentar o profeta Jeremias de maneira humana e sensível: homem de Deus e do povo, encarnado na realidade, sofrendo com ela e buscando soluções. *Jeremias sentiu na pele a perseguição, sofreu os horrores da solidão, reclamou da sua tragédia, pois era um homem de carne e osso, com os nervos à flor da pele. Um homem... humano!*(p.69).

Conteúdo e estrutura: seguindo os dados do livro profético que traz o nome de Jeremias, o autor, em 15 capítulos, com títulos muito sugestivos, descreve o profeta, sua vocação e missão e o situa no seu contexto histórico e social com importantes informações. Apresenta a conjuntura internacional da época com suas três grandes potências Assíria, Egito e Babilônia disputando a hegemonia e o controle dos pequenos estados, entre eles, Israel e Judá, corredor comercial de interesse internacional. Nesta conjuntura de guerras externas e contínuos conflitos internos, quem mais sofre é o povo. O autor mostra o profeta sofrendo junto, criticando os impérios e a monarquia, convocando o povo a resistir e a confiar em Javé. *Foi um homem sensível à realidade que o cercava e ao Deus que lhe falava.* (p.27). *Um homem que ajudou a fazer a história, pois o 'peso' da sua fala caía sobre os que tomavam decisões, seja no templo, seja no palácio, não só em Judá, mas também nas regiões do extinto reino do Norte, destruído em 722 a.C., bem como na corte de Nabucodonosor, na distante Babilônia.*(p.29).

No final do livro encontramos 4 anexos. Um, situa o livro das Lamentações, outro, apresenta o profetismo como pano de fundo para se entender Jeremias. Os outros dois oferecem um quadro cronológico e o mapa da região. São dados importantes para a compreensão do profeta em estudo.

Observações gerais: o livro de Thomaz de Almeida é importante, sobretudo, porque sua leitura atenta suscita perguntas e dúvidas que pedem aprofundamento, incitando quem lê a pesquisar e a dialogar sobre o assunto. À guisa de exemplo vamos levantar algumas destas possíveis questões. O autor menciona muitas vezes o longo processo de redação da Bíblia e, portanto do livro de Jeremias. Fala das diversas releituras, entre elas, a redação deuteronomista. Mas não fica claro como ele entende tal redação (p.41-56). Quem são os deuteronomistas? A quem esta leitura favorece? Da mesma forma, a questão da reforma josiânica. Qual é a relação de Jeremias e a reforma do rei Josias? Às vezes o autor tem uma conotação idealista desta reforma: *...a moral ficou melhor, a administração da justiça também melhorou, só que decisões oficiais têm fôlego curto se não houver mudança de caráter* (p.55).

Como o autor não deixa claro a questão dos deuteronomistas e de seus interesses, ao falar da destruição dos santuários locais e lugares altos com as imagens de culto popular, sua linguagem é ambígua e pejorativa: *Alguns lugares altos continuaram, pois a credence popular é incontrolável* (p.53). O autor não distingue religião oficial, religião popular e religião estrangeira (p.29-30). Por vezes encontramos no livro afirmações absolutas, por exemplo: *Para ele (Jeremias), a morte do rei era uma punição pela apostasia, quando a única possibilidade de escapar ao castigo seria pelo arrependimento* (p.65). Outras vezes, contextos diferentes são colocados no mesmo nível, como Jeremias e Jó (p.70). Na questão histórica da invasão babilônica, fica indefinido o posicionamento de Jeremias diante deste fato (p.87). Do mesmo modo, quando o autor fala em povo, não se sabe a que categoria se refere: *Joacaz foi escolhido pelo povo, mas só ficou três meses* (p.60). *O povo optou por Hananias. A voz do povo pode não ser a voz de Deus* (p.94).

A imagem de Deus que transparece no livro é um tanto transcendental, soberana, o que faz com que a idéia de inspiração tenha uma dimensão extraterrena, desencarnada (p.14; 88; 90; 103; 104 etc.). Neste sentido, o profetismo é também vertical e individual (p.51; 94; 117), o que contradiz com a atuação humana e sensível que o autor quer apresentar o profeta Jeremias. Esta observação é reforçada com um outro dado. O dia-a-dia do povo quase não aparece. Um exemplo: a menção da experiência de retribalização em Masfa, feita pelo povo pobre da terra, orientado por Jeremias que aproveita o espaço que Babilônia abre ao nomear Godolias, seu amigo, como governador. Segundo o próprio Jeremias, a terra foi redistribuída. O povo plantou e chegou a fazer uma abundante colheita (Jr 40,5-7; 2Rs 25,22). Este assunto é tratado no nosso livro em apenas

um parágrafo na p. 102, sem maiores definições sobre Masfa e a situação do povo...

Estas e outras questões não desvalorizam o livro, mas pelo contrário, impelem o/a leitor/a a estudar Jeremias como homem de Deus e do povo.

*Shigeyuki Nakanose*

**WALDECY, Tenório.** *A Bailadora Andaluza.* A explosão do sagrado na poesia de João Cabral. São Paulo, Fapesp/ Ateliê Editorial, 1996, pp. 178. ISBN 85.85851-20-

O livro do professor do Departamento de Teologia da PUC/ SP, lançado no final do ano passado, não pode passar despercebido e merece ser apresentado aos leitores de "ESPAÇOS".

Uma composição gráfica primorosa consegue visualizar um pouco da 'alma' do texto, que originalmente foi apresentado como tese de doutoramento na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Universidade de São Paulo com o título "*A Bailadora Andaluza. A lucidez, a esperança e o sagrado na poesia de João Cabral*", em 21 de dezembro de 1995. Não pense o leitor que a origem acadêmica do texto torne a sua leitura cansativa. O texto exige uma leitura atenta, capaz de acompanhar o pensamento do autor, que com paciência de um relojoeiro desenvolve uma análise criativa da obra de João Cabral.

Sem esquecer a importância de outros trabalhos sobre João Cabral, Tenório não se deixa intimidar pelo acúmulo de camadas interpretativas e defende uma proposta no mínimo audaciosa: fazer uma interpretação da obra de João Cabral, que possibilite uma "nova recepção" ou parafrazeando a expressão de João Alexandre, mostrar "que talvez o melhor de João Cabral nunca esteja onde se está lendo".

Tenório revela como a obra de João Cabral está contaminada pela teologia, isto é, como a poesia de João Cabral aproxima-se da transcendência. Texto corajoso, metodologicamente bem construído, que dá uma significativa contribuição para o diálogo teologia e literatura em geral, e em particular para a teologia latino-americana.

A reflexão teológica não é uma reflexão fechada, ela utiliza mediações. A mediação filosófica foi muito utilizada pela teologia. Gradualmente, a teologia latino-americana passou a utilizar outras mediações, como as mediações sociais. O diálogo com a literatura está sendo retomado mas ainda é pequeno. A teologia não deu, ainda atenção devida ao que do ser humano, do seu dilema vem refletido na produção literária.



Na teologia latino-americana, a preocupação com o 'outro', especialmente, com o 'outro' excluído é fundamental. Na análise apresentada, temos o resgate da relação dialética entre o Outro e a realidade humana. O texto resgata, ainda, a questão epistemológica da circularidade hermenêutica entre conhecimento do ser humano e conhecimento do Transcendente, constroi nexos entre a linguagem teológica e a linguagem poética e aponta, finalmente, para o dimensão ética da poesia de João Cabral.

"A Bailadora Andaluza" combina clareza e rigor com paixão. Tudo numa linguagem e num estilo de dar inveja. Aceitar o convite feito por Waldecy Tenório é poder revisitar com renovado interesse a obra de João Cabral e perceber como o poeta vai alargando o sentido do existencial abrindo-se para os possíveis do ser humano, mas também para outros sóis e outras verdades.

*José Enio da Costa Brito*

**MOSER, Frei Antonio OFM, *O pecado: do descrédito ao aprofundamento*. Petrópolis, Vozes, 1996, 350 p.**

O já benemérito pensador brasileiro da moral, lançou um livro interessante pelo assunto e pela abordagem que ele faz: por que quanto mais se escamoteia o pecado mais se vivem sua presença, suas conseqüências e suas decepções?

O autor optou por um esquema histórico já na pergunta inicial: o que é pecado hoje? Como indica o título do livro, a descrição inicia-se com o descrédito em que caiu a noção de pecado dos cristãos num mundo em movimento com participações pluralistas. As listas de faltas não cobrem novas realidades e confrontam-se com listas bem diferentes nas também racionalmente estruturadas das outras concepções religiosas e culturais. Tudo isso exacerbado pelas filosofias, sociologias e psicologias da suspeita (cap. 1). Mostrando a extensão do problema, recorre o autor à história do "mistério do mal" desde os persas ao Catecismo Romano (cap. 2).

Após a história sincrônica, vem a história diacrônica: as disputas sobre o "pecado original" (cap. 3), as definições bíblicas do pecado (cap. 4), o posicionamento de Jesus completado pelos sentimentos de Paulo e pelas especulações de João (cap. 5). Rica também foi a vivência da patrística que tenta sínteses (cap. 6), a contemplação metafísica da escolástica tomista ou franciscana e às quais se somem, dentro de um mesmo capítulo, as críticas e tentativas dos moralistas dos últimos cinquenta

anos ao vê-lo como alienação, processo desagregador dentro do indivíduo e da comunidade (cap. 7).

Já num esforço de síntese, mas mantendo-se dentro de uma exposição do que dizem os outros, estuda-se o enfoque sócio-cultural do pecado: sua extensão que os limites dos indivíduos não explicam, sua continuidade e consistência que a racionalidade, a utopia dos tempos melhores e as energias gastas em erradicá-lo parecem contradizer. Mesmo o pecado das sociedades concretas ainda não explica a situação generalizada de pecado em que existimos. O fato de toda essa situação de pecado construir-se através de uma rede de decisões ou indecisões responsáveis de grupos ou de indivíduos mostra que a socialidade do pecado existe mesmo quando as expressões usadas para caracterizá-las aparecem obscuras e incertas (cap. 8).

Os dois capítulos finais deveriam ser de síntese. Diante da história do pecado, fica a imposição cristã da conversão exigida por Deus e por ele garantida pelo perdão. Essa revelação de maldade e de graça estabelece uma nova consciência moral onde tem lugar a reconciliação e a penitência mesmo dentro de uma sociedade conflitiva (cap. 9). Partindo das reflexões do magistério atual chega-se a estabelecer que o pecado é um fato ao mesmo tempo pessoal e social, que o pecado é uma orientação de vida que pode ser mudada por atos e que pecar é recusar-se a seguir Cristo. As conclusões gerais, ainda fundadas a partir das catequeses do magistério, insistem na necessidade de falar e no sonho de um dia destruí-lo (cap. 10).

Não há dúvida de que estamos diante de uma síntese feliz como apresentação do que se diz. Mas não satisfaz com o reflexão da fé que se vive compreendendo. O fato de o autor terminar dizendo que o pecado é um mistério, soa mais como uma fuga que como uma compreensão da situação. Transparece no livro uma teoria meio inconsciente que impede uma compreensão maior do pecado: negar que ele seja uma situação plenamente humana. Há um temor de dizer que Deus criou o homem pecado e virtude, ambíguo pois foi igualmente feito para o bem e o mal. Existe um medo de reconhecer na criação uma obra imperfeita mesmo se surgiu das mãos do Deus infinitamente poderoso. Partir da afirmação que o pecado é absurdo, torna o pecado incompreensível. Por que ele é natural..., existia plantado já no paraíso como árvore do bem e do mal. A salvação humana é que é anormal... Talvez as filosofias do iluminismo e da ontologia da bem como ausência absoluta do mal possam fazer sonhar no homem sem erros... mas nem a fé nos permite pensar nessa maravilha que dispensaria a graça redentora.

Uma teologia do pecado que fosse só alienação parece também contraditória hoje. O pecado é ação, é escolha. Pode ser errada porque os valores são conflitantes. Um pecado que fos-

se absolutamente irracional, onde o ser humano mergulhasse no nada... seria impossível. Algum bem sempre valoriza o maior dos desatinos de um pecado. Ninguém consegue querer o pecado de maneira absolutamente vazia.

Por isso também falta ao livro uma reflexão profundamente cristã: ninguém se salva do pecado sem uma renúncia a si mesmo. O errar é natural e o cristão tem de deixar de ser natural para ser salvo. O mistério do pecado não está no fato de ele ser inexplicável, mas na contradição que ele é e na necessidade de ele ser superado. Só um convertido, só que quem se supera é que pode encontrar em Deus sua justificação. Quem conserva sua alma, perde-la-á (Mc 8,35; Mt 10, 39; Lc 9, 24). Talvez se encontre aqui um aprofundamento sobre o valor moral da opção fundamental que deve ser mais desenvolvido para que se compreenda melhor a relação escolha, virtudes e pecado, opção e atos que achamos pobre no livro.

*P. Antonio Silva, CSSR*

**SANTOS, P. Manoel Augusto Santos dos, *O primado pontifício: estudo sobre a fundamentação e o significado do primado pontifício em vista da proposta do Papa João Paulo II na Encíclica "Ut unum sint"*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997, 143 pp. (Teologia 9).**

A Encíclica "Ut unum sint" sobre o ecumenismo é muito longa. É uma reflexão sobre o diálogo com todos os que são cristãos mas que vivem divididos pelos desencontros da história embora continuem a sustentar sua união a uma fonte comum: a aliança com Deus. Essa situação de filhos desunidos mas convictos de sua adesão a vontade do Pai parece contraditória e insustentável. O papa suscita esperanças, recomenda mudanças, aconselha uso de instrumentos divinos e humanos na busca dessa unidade perdida mas devida.

Entre os vários problemas que ele aborda está a situação do bispo de Roma como *servo dos servos de Deus* através do primado (n. 88-97 da encíclica). Talvez uma das situações do ecumenismo que necessitem maior habilidade para serem tratadas.

Nosso teólogo gaúcho resume rapidamente o texto da carta pontifícia e centra seu estudo sobre o assunto que lhe interessa: *o serviço pontifício iluminado para uma reflexão ecumênica*. Quem quiser ver os elogios que se fizeram à atividade dos sumo pontífices durante todos os séculos, encontrará



no livro uma fonte ágil e cuidadosamente estudada com citações dos padres da Igreja e dos papas e, por fim, dos concílios ecumênicos. Cada citação vem acompanhada de uma explicitação do valor do autor e de uma exposição das circunstâncias em que foi publicado o texto fundamental que vem em seguida muito bem traduzido.

Valioso também o capítulo quinto onde se tenta uma *compreensão do primado pontifício como primado de jurisdição*. Não aceita um simples primado de honra nem o de ordem. Está convencido de que há um verdadeiro primado jurídico que se fundamenta na sacramentalidade da Igreja. Reconhece os limites que impõe uma colegialidade bem entendida, uma subsidiariedade reconhecida pelos últimos papas, bem como o princípio da edificação e o da finalidade própria da Igreja.

Achamos que o livro tem valor apologético mas não é suficiente esse método para se chegar a um ecumenismo frutuoso. Há polêmicas que são inúteis e perniciosas para nosso estudo e nosso diálogo. Mas acho também que não é possível avançar no caminho da união sem os frequentes pedidos de perdão que o próprio papa tem promovido em várias ocasiões. E pedir perdão significaria também compreender quanto se pode errar como papa. “*Pedro, logo a seguir à sua investidura, é repreendido, com rara severidade, por Cristo que lhe diz: “Tu es para Mim um estorvo”(Mt. 16, 23)”*.<sup>1</sup> Uma referência histórica à esses fatos e um estudo lúcido sobre sua presença e seu significado parecem indispensáveis a quem queria propor um estudo ecumênico do ministério petrino. Seria interessante se o autor tivesse seguido o caminho de Luigi SARTORI que reconhecendo a paixão ecumênica do papa não duvida em afirmar que é preciso desenvolver as formas de colegialidade com maior riqueza segundo o Vaticano II e pensar-se num serviço de forma ecumênica do papado para o amanhã enfrentando desejos e dificuldades em tensão.<sup>2</sup> Seria ser fiel ao pedido do papa: *tarefa imensa que não podemos recusar, mas que sozinho não posso levar a bom termo. A comunhão real, embora imperfeita, que existe entre todos nós não poderia induzir os responsáveis eclesiais e os teólogos a instaurarem comigo, sobre esse argumento, um diálogo fraterno, paciente, no qual nos pudéssemos ouvir, pondo de lado estereis polêmicas, tendo em mente apenas a vontade de Cristo para sua Igreja, deixando-nos penetrar do seu grito: “Que todos sejam um [...], para que o mundo creia que Tu Me enviaste “(Jo 17, 21)”*<sup>3</sup>

1. João Paulo II, Encíclica *Ut unum sint*, n. 91

2. Luigi SARTORI, Ecumenismo del terzo millennio: Considerazioni sull'Enciclica *ut unum sint*. Em *STUDIA PATAVINA* 42/3 (1995 set-dez), pp. 3-627-650. Menos crítico, mas da mesma linha não apologética: Joseph FAMERÉE, Pour l'œcuménisme: évolution de l'Église catholique depuis Vatican II. Em *REVUE THÉOLOGIQUE DE LOUVAIN* 27/1 (1996) p. 47-77.  
3. João Paulo II, id. n. 96.

P. Antonio Silva CSSR

SALAÜN, Paul, *Separados, divorciados, uma esperança possível*. Tradução de José Augusto da Silva. Aparecida, Santuário, 1997, 220 pp.

A leitura da obra *surpreende quem está acostumado a ver* nos divorciados católicos um certo desconforto diante de sua situação socialmente desvalorizada e individualmente considerada insuportável. De repente alguém escreve que fez disso virtude e mostra com simplicidade que não está sozinho na caminhada mas pertence a uma associação de divorciados católicos que continuam vivendo sua vida de família dividida com decisão e como escolha consciente...

Conta-se a história da organização “Comunhão Nossa Senhora da Aliança”. É um grupo de católicos de ambos os sexos que vive separada de seu companheiro de matrimônio, mas que quer ser fiel ao que foi prometido no altar ao mesmo tempo que cultiva a felicidade e a vida com os filhos de maneira desinibida e sem complexos.

O livro começa descrevendo constatações da situação desagradável do divórcio, suas conseqüências nada saudáveis para quem casou sonhando. Olha depois para várias situações do evangelho onde se descrevem fatos da vida de Cristo que não foram sucessos mas que não o impediram de caminhar e de justificar sua caminhada. A segunda parte descreve os casos... como chegaram a situação de convivência insustentável às vezes com surpresa e em outras com muito sofrimento e esforços. Tudo descrito em primeira pessoa e com nome...

A terceira parte procura ver o que a Igreja diz nas suas fontes oficiais: documentos, direito canônico, pregações de pastoralistas da família. Depois vem uma série de observações que a experiência da associação dos divorciados faz a si mesmo e aos outros membros da Igreja. São esperanças, pedidos, pontos de vista...

Um livro diferente mas realista e sadio. Um outro caminho, como diria certo padre-psicólogo. Bem próximo das bem-aventuranças evangélicas que privilegiam situações específicas de esperança contra toda esperança...

P. Antonio Silva CSSR.

SEGUNDO, Juan Luis, *O caso Mateus. Os primórdios de uma ética judaico-cristã*. São Paulo, Paulinas, 1997, 325 pp.

Chegou, enfim, para o leitor brasileiro um dos últimos trabalhos do teólogo uruguaio Juan Luis Segundo: *O caso Mateus*. A obra impõe-se pela profundidade e atualidade de sua reflexão bíblica, ética e eclesiológica. O título é intrigante. “O caso



Mateus” é um enigma que Juan Luis Segundo, na introdução autobiográfica ao livro, reconhece ter sido um dos mais desafiadores de sua caminhada teológica, desde os tempos do estudentado jesuíta.

Mateus foi e ainda é o Evangelho mais lido na Igreja católica. Tanto que os mais desavisados podem chegar facilmente a pensar que seja ele “o” Evangelho. Mateus é o evangelista da nova Torá, de uma lei que seja fundamento da vida das comunidades judaico-cristãs de Jerusalém. Ele resumiu o ensinamento da pregação de Jesus com o *logion*: “até passar o céu e a terra, não passará um iota ou um til da lei, sem que tudo se cumpra” (Mt 5,18). E ainda: “não penseis que vim abolir a lei e os profetas; não vim abolir, mas completar” (Mt 5,17).

Essa visão, porém, ligada à experiência e à reflexão dos judeus “convertidos” de Jerusalém, não é partilhada, por exemplo, pela teologia de Paulo, que fala, em vez, de uma religião do Espírito, do amor e da liberdade.

Através dessa oposição, já presente desde o início, nos primórdios da Igreja, Juan Luis Segundo pergunta-se sobre a atualidade de uma lei e de uma ética universais ensinadas pela igreja. O contraponto e a outra possibilidade histórica seria a leitura antropológica de Paulo: uma vida guiada pela liberdade no Espírito.

Pois bem, depois da problematização da questão do judeu-cristianismo de Jerusalém, o Autor passa a considerar um trecho de Mateus extremamente significativo para se entender a sua teologia: as seis antíteses do Sermão da Montanha (Mt 5, 21-34). Através de uma exegese atenta e competente — o que chega a constituir quase uma exceção entre os teólogos sistemáticos — Segundo conclui que Mateus trabalha, nesse e em outros casos, sobre a fonte Q, reinterpreta-a para que possa *cabere* dentro de sua nova interpretação da Lei de Moisés para a Igreja. Semelhante descoberta o Autor faz comparando as discussões sobre a pureza presentes em Mc 7 com aquelas de Mt 15.

O esforço de Mateus por domesticar as demais tradições, para que não estivessem em contraste com a ética judaica das comunidades de Jerusalém, é muito significativo. Viria confirmar, segundo o Autor, que o radicalismo de Jesus em relação ao mandamento do amor e às *Bem-aventuranças* corresponde à tradição primordial e original de Jesus. A mesma que será depois relida e ampliada por Paulo.

Na conclusão do livro Segundo se pergunta, com uma ponta de humorismo: quem ganhou, afinal? Mateus ganhou ou foi derrotado? Aparentemente Mateus perdeu, pois a igreja deixou de ser judia para se abrir ao mundo helenista e romano. Mas,

no fundo, o *vencido* Mateus foi, apesar de tudo, *vencedor* (p. 322). A linha de Mateus, de uma ética para as massas, predominou durante séculos, contra o árduo caminho, proposto por Paulo, de uma ética e antropologia da liberdade criadora, que foi simplesmente esquecida ou relegada a uma experiência mística única e irrepitível. Irrepitível e distante de poder constituir um fundamento para a construção histórica da comunidade cristã.

*Uma vez mais* — conclui nosso Autor — *o pluralismo da Igreja primitiva coloca-nos diante das grandes alternativas da existência humana. O que venha daí será assunto nosso.*

*Gabriele Cornelli*